

## a rapariga e a boneca

Devo dizer que não sou boa pessoa. Às vezes tento ser, mas nem sempre sou. Por isso, quando foi a minha vez de ficar de olhos fechados e contar até cem... fiz batota.

Estava no sítio onde se fica quando somos nós a contar, ao lado dos contentores do lixo reciclável e junto à loja que vende grelhadores descartáveis e estacas para tendas de campismo. E perto da relva que nunca é aparada, atrás da torneira.

Só que não me lembro de estar nesse sítio. Mesmo nada. Nem sempre te lembras de pormenores assim, não é? Não te lembras de estar ao lado dos contentores do lixo, ou mais longe, no caminho, perto dos balneários, e se a torneira é realmente aí que está?

Não consigo ouvir agora o grito compulsivo das gaivotas, nem sentir o sal do ar. Não sinto o calor do sol da tarde que me faz transpirar no joelho, por baixo da ligadura branca, ou a comichão do protetor solar nas gretas das feridas. Não consigo reviver a vaga sensação de ter sido abandonado. E nem me lembro realmente, já agora, de decidir que fiz batota e abri os olhos.

Parecia ser da minha idade, tinha o cabelo ruivo e uma cara sara-pintada por centenas de sardas. O vestido bege tinha pó ao longo da bainha por estar de joelhos na terra e, contra o peito, segurava uma bonequinha de pano que tinha uma cara esborratada de cor-de-rosa, o cabelo era de lã, castanho, e os olhos feitos de botões pretos brilhantes.

A primeira coisa que fez foi pôr a boneca ao seu lado, pousando-a com uma doçura imensa sobre as ervas altas. A boneca parecia descansar, com os braços caídos de ambos os lados e a cabeça algo soerguida. Fosse assim ou doutra maneira, para mim era a descansar que estava.

Estávamos tão perto um do outro que conseguia ouvir os ruídos que fazia ao escavar a terra seca com um pau. Mas não deu por mim, nem mesmo quando deitou fora o pau, que veio aterrar quase em cima dos meus dedos dos pés, totalmente expostos nas minhas havaianas de plástico. Eu devia calçar os ténis, mas sabem como é a minha mãe. De ténis, num dia tão bonito como este? De maneira nenhuma. Ela é assim.

Uma vespa zumbia à volta da minha cabeça e, normalmente, isso seria suficiente para me pôr a dar aos braços como se fossem asas e a andar dum lado para o outro, mas não me permiti fazê-lo. Mantive-me absolutamente imóvel, pois não queria perturbar a menina, ou não queria que ela soubesse que eu estava ali. Ela agora cavava com os dedos, retirando a terra seca com as mãos, até que conseguiu uma cova suficientemente funda. Depois limpou a terra dos dedos da melhor maneira que pôde, pegou na boneca e beijou-a duas vezes.

Esta é a parte que ainda consigo ver mais nitidamente, aqueles dois beijos, um na testa, outro na face.

Esqueci-me de dizer, mas a boneca tinha um casaco comprido. Era amarelo-vivo, com uma fivela preta de plástico à frente. Isto é importante porque o que ela fez a seguir foi abrir a fivela e tirar o casaco à boneca. Fê-lo muito rapidamente e guardou-o na parte da frente do vestido.

Às vezes, como agora, quando penso naqueles dois beijos, é como se os sentisse realmente.

Um na testa.

Outro na face.

O que aconteceu a seguir está menos claro na minha mente porque se confundiu com tantas outras recordações, tenho-o revivido de tantas maneiras diferentes que não consigo separar o real do imaginário, ou mesmo ter a certeza de que são diferentes. E assim não sei exatamente quando começou a chorar, ou se já estava a chorar. E não sei se hesitou antes de lançar a última mão cheia de terra. Mas sei que, quando a boneca ficou coberta e a terra calcada, ela estava curvada, com o casaco amarelo apertado contra o peito e a chorar.

Quando se é um rapaz de nove anos, consolar uma rapariga não é fácil. Sobretudo se não a conhecemos, ou tão-pouco sabemos porque chora.

Fiz o que pude.

A minha intenção era pousar o braço levemente nos ombros dela, como o Papá fazia com a Mamã quando dávamos passeios em família, e aproximei-me arrastando os pés, só que hesitei um momento e não consegui decidir se me ajoelhava ou ficava de pé. Fiquei a pairar desastradamente entre as duas possibilidades e então perdi o equilíbrio e caí em câmara lenta, tanto assim que a primeira coisa que esta rapariga lavada em lágrimas viu da minha pessoa foi o peso de todo o meu corpo a empurrar devagarinho a sua cara para uma campã recém-aberta. Ainda não sei o que devia ter dito para compor as coisas e tenho pensado bastante nisso. Mas, deitado ao lado dela, com as pontas dos nossos narizes quase a tocarem-se, tentei:

— Chamo-me Matthew. E tu?

Não respondeu logo. Pôs a cabeça de lado para me ver melhor e ao fazê-lo senti um cabelo comprido deslizar rapidamente pela minha língua e sair pelo canto da boca. Ela disse:

— Annabelle.

Chamava-se Annabelle.

A rapariga dos cabelos ruivos e da cara sarapintada por centenas de sardas chama-se Annabelle. Vê se te lembras, se te for possível. Agarra-te a este facto contra tudo que acontece na vida, contra tudo que te possa levar a querer esquecê-lo, guarda-o num lugar seguro.

Pus-me em pé. A ligadura do joelho agora era castanha, da cor da terra. Comecei a dizer que estávamos a brincar às escondidas, que também ela podia entrar se quisesse. Mas interrompeu-me. Falava calmamente, sem parecer furiosa ou perturbada. E o que disse foi:

— Já não és bem-vindo aqui, Matthew.

— O quê?

Não olhou para mim, ergueu-se, apoiando-se nas mãos e nos joelhos, e contemplou o pequeno monte de terra solta: ia ser preciso calcá-la outra vez, arranjar tudo muito bem.

— O parque de campismo é do meu pai. Vivo aqui e tu não és bem-vindo. Vai-te embora.

— Mas...

— Desaparece!

Pôs-se em pé instantaneamente, avançando para mim de peito dilatado, como um animalzinho que quer parecer maior. Disse outra vez:

— Desaparece, já te disse. Não és bem-vindo.

Uma gaivota fazia troça e Annabelle gritou:

— Estragaste tudo.

Não dava para explicar. Quando cheguei ao caminho, ela estava outra vez de joelhos, com o casaquinho amarelo da boneca encostado à cara.

Os outros miúdos falavam aos berros, pediam que os encontrasse. Mas não procurei nenhum. Passei a correr pelos balneários, pela loja, atravessei o parque, corria o mais que podia, com as havaianas a fazerem clac-clac no alcatrão escaldante. Não me permiti parar, não me permiti sequer abrandar enquanto não cheguei suficientemente perto da nossa caravana e vi a Mamã sentada cá fora na cadeira de praia. Tinha um chapéu de palha contra o sol e olhava para o mar. Sorriu-me e acenou, mas eu sabia que ainda estava na sua lista negra. Tínhamo-nos a modos que zangado uns dias antes. É estúpido porque fui apenas eu que me magoei e agora os arranhões já estavam quase curados, mas os meus pais às vezes têm dificuldade em esquecer estas coisas.

Especialmente a Mamã, guarda ressentimentos.

Eu também, creio.

Vou contar o que se passou porque será uma boa maneira de apresentar o meu irmão. Chama-se Simon. Acho que vão gostar dele. Eu gosto, a sério. Mas daqui a duas páginas ele estará morto. E, depois disso, o Simon nunca mais foi o mesmo.

Quando chegámos ao parque de campismo de Ocean Cove, pior do que estragados da viagem mas desesperados por explorar o local, fomos ditos que podíamos ir para onde quiséssemos dentro do parque, mas que para a praia sozinhos, não, estávamos proibidos porque esse caminho é muito inclinado e muito mau. E porque tendes de andar um bocado pela estrada antes de chegar ao alto. Os nossos pais eram dos que se preocupam com este tipo de coisas: caminhos inclinados e estradas. Fosse como fosse, decidi que ia para a praia. Muitas vezes

fazia coisas que não estava autorizado a fazer e o meu irmão ia atrás. Se não tivesse decidido chamar a esta parte da história **a rapariga e a boneca**, então poderia ter-lhe chamado **o choque da queda e o sangue no meu joelho**, porque isso também foi importante.

Seja então o choque da queda e o sangue no meu joelho. Nunca fui bom no que se refere à dor. Detesto-me por ser assim. Sou o perfeito piegas. Quando o Simon me alcançou na curva do caminho onde há raízes expostas à espera dos tornozelos incautos, eu choramingava como um bebé.

Ele ficou tão aflito que quase tinha piada. A sua cara era grande e redonda, estava sempre a sorrir e lembrava-me a lua. Mas de repente deu-lhe para a aflição.

O que fez foi isto. Levantou-me e, subindo degrau a degrau, carregou comigo ao longo de todo o caminho da falésia, mais os trezentos e tal metros até à nossa caravana. Fez isso por mim.

Penso que uns adultos tentaram ajudar, mas o que há a saber a respeito do Simon é que ele era bastante diferente da maior parte das pessoas que possam conhecer. Andava numa escola especial onde ensinam coisas básicas como não falar com estranhos, de modo que, sempre que se sentia inseguro ou em pânico, recorria aos tais ensinamentos para se sentir seguro. Ele era assim.

Carregou comigo sozinho. Mas não era forte. Isso é um sintoma da sua doença, os músculos fracos. Tem um nome que agora não me ocorre, mas hei de procurá-lo assim que puder. O que quero dizer é que a caminhada quase o matou. E por isso, quando chegámos à caravana, teve de passar o resto do dia de cama.

Seguem-se as três coisas de que me lembro mais claramente de quando o Simon carregou comigo:

- 1/ A maneira como o meu queixo batia no seu ombro ao andar. Não queria magoá-lo, mas estava demasiado ocupado com a minha própria dor para dizer alguma coisa.
- 2/ Assim, preferi dar-lhe um beijo no ombro, como uma criança que acredita que isso produz realmente efeito. Mas creio que ele não reparou, porque, ao andar, o meu queixo batia-lhe no ombro e quando o beijei foram antes os meus dentes que ele sentiu, o que, quer se queira quer não, certamente magoa mais.